

Resenha crítica do livro: “A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?” de Michael Sandel

Jeison Martins Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil



Recebido em: 12/9/2024

Aceito em: 19/9/2024

Referência Bibliográfica:

Sandel, Michael. **A Tirania do Mérito. O que aconteceu com o bem comum?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. Sandel, Michael, tradução: Bhuvi Libanio. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

1. Credenciais do autor

Michael Joseph Sandel, nascido em 5 de março de 1953, em Minneapolis, Minnesota, é um filósofo político, escritor, professor universitário de Harvard, ensaísta, conferencista e palestrante estadunidense, que ficou reconhecido internacionalmente pelos seus livros *Justiça: O que é fazer a coisa certa* e *Liberalismo e os limites da Justiça*, este último criticando a Teoria de Justiça formulada pelo também Filósofo estadunidense John Rawls. Formou-se em ciência política pela Brandeis University e posteriormente obteve seu doutorado em filosofia política pela Universidade de Oxford.

É amplamente reconhecido por suas contribuições ao debate sobre justiça, ética e democracia, lecionando na Universidade de Harvard, onde ministra o curso “Justice”, um dos mais populares na história da instituição, atraindo milhares de estudantes ao longo dos anos. Sua abordagem acessível e envolvente para discutir temas complexos o tornou uma figura influente tanto no

meio acadêmico quanto no público geral, sendo conhecido por questionar os fundamentos morais da sociedade contemporânea, abordando temas como mercado, moralidade, meritocracia, e o bem comum.

2. Resumo e considerações sobre a obra

Na obra *A Tirania do Mérito*, o autor aborda criticamente a ideia de meritocracia, argumentando que essa noção equivocada estaria contribuindo para o aumento das desigualdades sociais ao minar o senso de comunidade e o bem comum, enfraquecendo a humildade dos indivíduos e, por consequência, retirando das pessoas os sentimentos de empatia e compaixão para com os mais necessitados, o que, em sua ótica, ao fim e ao cabo, estaria alimentando a polarização política e social vista em todo mundo, criando ressentimento e indiferença.

Dividida em introdução, mais 7 (sete) capítulos e a conclusão, *A Tirania do Mérito*, de autoria do Filósofo Estadunidense Michael Sandel, questiona as premissas da meritocracia que, segundo o autor, moldam profundamente as sociedades contemporâneas, argumentando, para tanto, que a crença na meritocracia acabou por criar uma cultura em que o sucesso individual, assim como o fracasso, são vistos como reflexos exclusivos do esforço pessoal ou de sua ausência, deixando de lado os fatores estruturais e contextuais também fundamentais para o sucesso ou o fracasso pessoal dos indivíduos.

Assim, Michael Sandel propõe uma análise crítica dessa visão meritocrática, destacando, igualmente, como ela tem contribuído inclusive para a polarização social e política vista em grande parte do mundo, bem como o fato de que a ideia equivocada de meritocracia pode legitimar as disparidades econômicas e sociais, ao invés de desafiá-las, sugerindo, por fim, que a

sociedade deve se reorientar em direção a uma política do bem comum, que valorize a dignidade de todas as pessoas, retomando a dignidade do trabalho e o senso de pertencimento das classes trabalhadoras, independentemente das credenciais meritórias obtidas e de suas conquistas pessoais.

No início da obra, visando apresentar um problema para tornar mais palpável a questão a ser abordada, Michal Sandel apresenta o caso de um consultor educacional chamado William Singer – que administrava um negócio para atender pais e mães ricos e preocupados –, acusado de, juntamente com 33 (trinta e três) pais e mães, fazerem parte de um esquema de fraude para que seus filhos e filhas fossem aceitos em universidades de elite, como Yale, Stanford, Georgetown e a Universidade do Sul da Califórnia.

Ele explica que o esquema fraudulento incluía o pagamento de valores aos inspetores dos exames de seleção SAT e ACT (exames nacionais padronizados semelhantes ao ENEM), visando aumentar as notas dos estudantes através da correção do gabarito ou, ainda, subornando os treinadores para que indicassem candidatos como atletas recrutados, mesmo que esses estudantes não praticassem o esporte indicado.

Sandel prossegue informando que a fraude foi objeto de processo por parte da Justiça Federal Americana, mas que, por outro lado, a quebra desse sistema não atingia o real problema, qual seja, a ideia de que os alunos legitimamente aprovados nesses exames tiveram êxito por seu próprio mérito.

Para justificar esse primeiro argumento no sentido de que mesmo os alunos regularmente aprovados nos exames de seleção não o eram somente pelo seu mérito individual, o autor destaca que a nota do exame acompanha o que chama de “rastros de renda familiar”, ou seja, quanto mais rica for a família, provavelmente mais alta será a sua nota, haja vista que a sua formação

estudantil e pessoal, durante toda a sua vida foi direcionada para a aprovação nesses exames.

Nesse sentido, o autor esclarece que, ainda que seja verdade o fato de a entrada dos alunos na universidade refletir dedicação e empenho, acreditar que essa conquista foi somente resultado da própria ação é ilusório.

No capítulo 1, denominado: Ganhadores e perdedores, o autor inicia sua abordagem chamando atenção para o fato de que estes são tempos perigosos para a democracia, destacando o aumento da xenofobia e o crescente apoio público a figuras autocráticas, que em sua ótica seriam fruto do crescimento da desigualdade em uma globalização que só beneficia quem está no topo.

Destaca as implicações sociais e morais da dita meritocracia, em especial no que se refere à forma como ela acaba por segregar a sociedade entre aqueles que "vencem" e aqueles que "perdem". Nesse primeiro capítulo, portanto, o autor esclarece que a chamada meritocracia não apenas cria desigualdades econômicas, mas também aprofunda divisões sociais, gerando um sentimento de fracasso, que levaria ao ressentimento.

Sandel apresenta números obtidos em diversas pesquisas para amparar a sua tese sobre o aumento da desigualdade e prossegue analisando como a crença de que o sucesso é inteiramente merecido pelos esforços individuais leva os "ganhadores" a se sentirem superiores, enquanto os "perdedores" são levados a se culpar por sua situação. Ele sugere que essa dinâmica da meritocracia é prejudicial para a sociedade como um todo, pois mina a solidariedade e o respeito mútuo, contribuindo para o aumento da polarização e da desconfiança entre diferentes grupos sociais.

Ainda nesse primeiro capítulo, o autor também reflete sobre como essa cultura segregacionista entre "vencedores e perdedores" afeta a política, com os

ditos "perdedores" frequentemente se voltando contra as elites, que, adverte o autor, "em sua arrogância meritocrática" são vistas como distantes e desinteressadas pelas dificuldades reais das pessoas comuns.

Concluindo este primeiro capítulo, Sandel destaca que a ascensão populista vista nos dias atuais decorreria dessa lógica meritocrática, e que, para quem se sente ofendido por essa tirania do mérito, o problema não seria apenas a estagnação dos salários, mas também a perda da estima social.

No capítulo 2, denominado como: "Grandioso porque é bom": uma breve história moral do mérito, Sandel inicia com a seguinte pergunta: "Quando exatamente o mérito passou a ser tóxico, e como isso aconteceu?". Tal questionamento indica o que será tratado neste segundo capítulo, passando o autor a analisar a evolução histórica e filosófica da ideia de mérito, abordando como essa noção se tornou central nas sociedades modernas.

O autor prossegue apresentando a evolução do conceito de mérito, abordando o que chama de tensão entre mérito e graça, a partir das raízes religiosas e aristocráticas do mérito, até a sua apropriação por parte das chamadas democracias liberais contemporâneas.

Sandel explica ainda que na Antiguidade e na Idade Média, o mérito estava frequentemente associado a virtudes morais ou a uma vida guiada pela fé religiosa, desaguando no que chama de "arrogância meritocrática". Nesse contexto, o sucesso seria visto como uma bênção divina ou um reflexo do caráter moral de uma pessoa, seguindo a premissa do "se eu sou bom, Deus me recompensará".

Com o passar do tempo, sobretudo a partir da Revolução Industrial e do Iluminismo, teria ocorrido uma ruptura desse conceito de mérito, passando a se

desvincular da moralidade religiosa e a ser entendido sob o viés do esforço, do talento e de habilidades individuais.

O Filósofo estadunidense destaca como, na modernidade, a meritocracia emergiu como uma pretensa resposta ao poder que era passado de forma hereditária, geração por geração, bem como pelas hierarquias sociais tradicionais. Assim, teria se difundido a ideia de que cada pessoa poderia "subir" na vida com base em seu mérito pessoal, tendo esta noção oferecido uma justificativa moral para as crescentes desigualdades econômicas, ao mesmo tempo em que prometia a possibilidade de mobilidade social para aqueles que se esforçassem o suficiente.

O autor aborda, ainda, as narrativas políticas empregadas, em especial nos debates sobre o chamado Obamacare (Sistema de Saúde criado nos EUA pelo governo Obama), que fizeram renascer uma frase utilizada desde Ronald Reagan, passando a se tornar praticamente um slogan utilizado tanto pelos democratas quanto pelos republicanos, que afirmava: "A América é grandiosa porque a América é boa", deixando clara essa noção de mérito, que acabou por ser ampliada para os indivíduos.

No terceiro capítulo, denominado: A retórica da ascensão, Sandel inicia reforçando a questão da ética meritocrática, a qual suporia que o sucesso seria algo que conquistamos através do nosso próprio esforço, o que, segundo o autor levaria à indiferença dos "vencedores" para com os menos afortunados.

O autor destaca também o discurso sobre a importância da competição em igualdade de oportunidades, e o que chamou de "fé meritocrática", à qual estaria arraigada entre os seus alunos, não somente em Harvard, mas tendo sido observada até em suas palestras na China, desaguando na dificuldade desses

alunos em serem gratos pelo sucesso obtido, o qual, para a grande maioria deles, seria somente fruto de seus esforços.

Outra afirmação de Sandel diz respeito ao discurso meritocrático perpassar os espectros políticos, sendo utilizado tanto pela centro-esquerda, quanto pela centro-direita, destacando que nos últimos 40 anos a linguagem do mérito e do merecimento teriam se tornado o cerne do discurso político. E prossegue em sua obra apresentando as duas retóricas mais utilizadas e que teriam contribuído para o que chama de reação populista contra a meritocracia, que seriam a retórica da ascensão – baseada na promessa de que pessoas que trabalham duro e seguem as regras merecem ascender até onde os seus talentos e esforços o levarem –, e a retórica da responsabilidade, que seria a culpa ou não dos menos afortunados pelos próprios infortúnios.

Ainda neste terceiro capítulo, Sandel apresenta três razões pelas quais entende que a meritocracia teria se tornado tóxica, são elas: (i) o fato de que, sob condições de desigualdade desenfreada e mobilidade social barrada, insistir na mensagem de que nós somos responsáveis por nosso destino corrói a solidariedade e desmoraliza as pessoas que não conseguiram o sucesso; (ii) o fato de que insistir na ideia de que o diploma universitário é o melhor caminho para uma vida decente cria um preconceito credencialista que enfraquece a dignidade do trabalho; e, por fim: (iii) o fato de que insistir na ideia de que problemas sociais e políticos são melhores resolvidos por especialistas com nível superior corrompe a democracia e tira o poder de cidadãos comuns.

O autor finaliza esse terceiro capítulo destacando que a crença na mobilidade ascendente seria a resposta dos EUA para a desigualdade, comparando o Sonho Americano com a “nobre mentira” de Platão, ou seja, uma crença que, apesar de mentirosa, seria capaz de sustentar certa harmonia civil.

No capítulo quarto, denominado: Credenciais Meritocráticas, Sandel trabalha a questão do credencialismo – que seria a visão depreciativa das elites em relação às pessoas com menor formação educacional –, iniciando sua abordagem destacando a necessidade insistente dos políticos de aumentarem as suas credenciais, ou seja, os títulos acadêmicos alcançados, bem como os seus aproveitamentos nas Universidades.

Ele menciona o fato de que, para ambos os espectros políticos, a educação seria a resposta para desigualdade, o que fez com que a educação ocupasse a centralidade do discurso político. Ou seja, o mérito estaria diretamente relacionado com o merecimento alcançado pela aprendizagem que, em última análise, seria a solução para o acirramento da competição global.

Porém, o autor esclarece que esse pensamento contribuiu para a corrosão da estima social das pessoas que não conseguiram adentrar nas universidades, tornando o credencialismo um preconceito insidioso contra aqueles que não fizeram faculdade, deixando claro o desprezo das elites meritocráticas por quem não consegue ascender.

Sandel também desenvolve a questão do credencialismo no meio político, destacando que esse pensamento retirou a classe trabalhadora dos parlamentos e, depois de apresentar os números extraídos de pesquisas recentes sobre a pequena parcela da população estadunidense com curso superior, conclui que os poucos que possuem credenciais governam os muitos que não possuem credenciais, o que, entretanto, não seria uma garantia de bons governantes.

A essa divisão da população entre pessoas com e sem diploma, o Filósofo Estadunidense atribui, entre outros pontos, o crescimento dos partidos populistas

e nacionalistas, inclusive a eleição de Donald Trump em 2018, afirmando que essa “fé tecnocrática” da tomada de decisões por especialistas e fundamentadas em fatos, acabou por colocar a tomada das decisões nas mãos das elites desconectadas com os problemas reais da maioria da população.

E conclui o quarto capítulo salientando a divisão partidária no debate sobre a mudança climática, sobretudo, para surpresa de muitos, entre pessoas com diploma universitário. Adverte o autor que o erro dos chamados tecnocratas, foi o de acreditar que as pessoas decidem mal por não estarem bem informadas. Assim, finaliza o presente capítulo destacando que aceitar as falhas da meritocracia e da tecnocracia é um passo indispensável para avaliar o descontentamento e redefinir uma política do bem comum.

Adentrando no capítulo 5, denominado: Ética do Sucesso, Sandel aborda o surgimento das distribuições desiguais, lembrando e destacando as particularidades das sociedades aristocráticas e meritocráticas, utilizando, para tanto, de uma figura aparentemente hipotética, para analisar os prós e os contras de cada uma destas sociedades. Para tanto apresenta um indivíduo, desconhecedor da posição em que ficaria na sociedade e, num exercício hipotético, tenta compreender em qual sociedade esse indivíduo escolheria estar.

O autor trabalha, na hipótese acima mencionada, como seria ser rico ou pobre em cada uma destas sociedades, mencionando o que chama do lado sombrio da meritocracia, que seria admitir a teoria de que, supostamente, as pessoas recebem o que merecem, enquanto a diferença entre rico e pobre vai se tornando cada vez maior, desaguando naquilo que teria previsto o Sociólogo Britânico Michael Young, no princípio desse ideal de meritocracia moderna, ou seja, a revolta populista contra as elites meritocráticas.

Para Sandel, a meritocracia teria como problema não o fato de não poder ser alcançada, mas sim o fato de o próprio ideal ser falho. Em seguida, levanta duas objeções à meritocracia: (i) a ausência de efetiva justiça; e (ii) a arrogância dos “vencedores” e a humilhação dos “perdedores”.

O autor afirma ainda que mesmo uma sociedade meritocrática perfeita seria injusta, argumentando que questões familiares – atenção, afeto, condição econômica –, por exemplo, impediriam que a competição fosse travada de forma igual entre todos. Sandel ainda menciona que o ideal meritocrático não seria um remédio para a desigualdade, mas, na verdade, somente uma justificativa para esta.

Prossegue o autor abordando agora o fato de que talento não seria mérito, citando como exemplo o jogador de basquete americano LeBron James, atualmente jogador dos Lakers, para concluir que não merecemos o nosso talento e que somente o esforço seria capaz de oferecer resposta para a questão do talento. Aqui ele cita o exemplo de um amigo do corredor multicampeão Usain Bolt, que nas palavras do próprio campeão se esforçava muito mais do que ele nos treinos, mas que jamais conseguiu competir com o talento inato de Bolt.

Michael Sandel apresenta, em seguida, o que entende como as duas alternativas existentes para a meritocracia, que seriam: (i) o liberalismo de livre mercado ou neoliberalismo, que teve como expoente Friedrich Hayek (Economista Austríaco que venceu o Nobel de Economia, em 1974) e; (ii) o liberalismo de Estado de Bem-Estar ou Igualitário, este capitaneado por John Rawls (Importante Filósofo Americano, autor de Uma Teoria de Justiça e o Liberalismo Político).

Destaca que, para o Filósofo John Rawls, ainda que uma sociedade conseguisse alcançar uma meritocracia justa, a distribuição de riqueza e renda seria influenciada pela distribuição natural de habilidades e talentos – habilidades natas das pessoas. Menciona que muito embora Friedrich Hayek concordasse com Rawls sobre o fato de que as recompensas econômicas não seriam fruto do mérito, este seria contra a redistribuição de renda.

Sandel, porém, critica a visão das duas teorias liberais mencionadas, na medida que, para ele, ainda que Rawls e Hayek tivessem, com suas teorias, estabelecido os termos do discurso público das últimas décadas, não conseguiram abalar a convicção meritocrática latente na sociedade. Neste ponto, ele questiona qual seriam as razões dessa dicotomia, concluindo, em seguida, que as próprias características do liberalismo acabam por abrir caminho para entendimentos meritocráticos que ele, oficialmente, rejeita.

O Filósofo americano prossegue em sua análise, abordando a distinção entre mérito e valor, ou seja, este último o dinheiro, como medida de todas as coisas. Neste ponto, para destacar a diferença entre valor de mercado e valor moral, utiliza-se do pensamento do professor da Universidade de Chicago, Frank Knight, o qual, segundo ele, afirmava ser um equívoco pressupor que o dinheiro ganho pelas pessoas atendendo às preferências do consumidor seriam capazes de refletir o mérito ou o mérito moral destas.

Segundo Michael Sandel, vive-se em um tempo de escassez de humildade entre os bens sucedidos, com um inegável desprezo por parte das elites meritocráticas em relação aos trabalhadores. Ele critica a tendência do Liberalismo de Estado de Bem-Estar de abastecer a política com arrogância e humilhação, além de se opor ao que denomina de Igualitarismo de Sorte, que seria o oferecimento de ajuda somente aqueles que não tiverem dado causa aos

seus infortúnios, o que, segundo Sandel, fortaleceria a retórica do mérito, utilizando-se do contraste entre acaso e escolha. Ele cita um exemplo interessante para ilustrar essa diferença, que seria a ocorrência de um incêndio numa casa (acaso), mas que o proprietário tivesse tido a possibilidade de fazer o seguro e não o fez (escolha), o que, na ótica do Igualitarismo de Sorte, impediria que esse proprietário recebesse ajuda.

Sandel critica a divisão alimentada pelo liberalismo entre “inteligentes” e “burros”, afirmando que a desigualdade alarmante de renda não poderia ser explicada sob esta ótica, haja vista que sucesso em ganhar dinheiro teria pouca relação com inteligência nata. Conclui o quinto capítulo destacando que a linguagem do mérito, adotada pelas elites meritocráticas, muito embora tenha dominado o discurso público, deixou de reconhecer o seu aspecto negativo, mesmo diante da desigualdade crescente, tendo sido cegada para o crescente ressentimento daqueles que foram deixados para trás pela globalização, desaguando na reação populista dos últimos anos.

Já no sexto capítulo, denominado: A Máquina de Triagem, o autor começa a sua abordagem com a seguinte pergunta: Qual seria a solução para a questão da meritocracia? Antes, porém, de adentrar na resposta a essa pergunta, Sandel contextualiza o surgimento da meritocracia como porta de ingresso para as melhores universidades estadunidenses. Ele demonstra como a formação educacional superior se tornou o que chama de “máquina de triagem”, ressaltando o papel fundamental das universidades na distribuição de oportunidades.

Destaca que a meritocracia, da forma como a conhecemos, teria surgido na década de 1950 e 1960, tendo como precursor James Bryant Conant, então reitor da Universidade de Harvard, que tinha como ideal romper a barreira de

acesso às universidades, naquele momento restrita às elites hereditárias, substituindo-a pela meritocracia. Para tanto, o reitor criou o chamado SAT – Teste de Aptidão Escolar, o qual, a princípio, deveria medir a capacidade inata dos alunos e não somente o conhecimento acumulado de cada um, permitindo oportunidades para todos, independentemente de classe social. Sandel destaca, porém, duas características que considera como condenáveis de um sistema meritocrático, que seriam: (i) não se opor à desigualdade e; (ii) honrar e premiar os maiores gênios, mas rebaixar os demais à categoria de “lixo”.

Michael Sandel menciona, ademais, que o SAT, na realidade, não mede aptidão escolar, mas estaria relacionado com riqueza, o que inclusive pode ser exemplificado pelo surgimento de uma indústria bilionária de preparatórios e aulas particulares. Afirma, baseado em números e pesquisas, que a meritocracia protege a desigualdade e que a formação educacional superior na era da meritocracia não tem sido um mecanismo de mobilidade social, mas, ao contrário, tem reforçado as vantagens que pais e mães privilegiados conferem a seus filhos e filhas, ou seja, a aristocracia de privilégio hereditário foi substituída por uma elite meritocrática.

O autor continua sua análise sobrelevando o aumento da seletividade das Universidades americanas, ou seja, o exponencial aumento do número de candidatos não aceitos, o que acabaria por reforçar a desigualdade, conferindo uma falsa sensação de que o sucesso, nesse caso, seria fruto exclusivo do esforço individual, chegando a comparar essa corrida a uma “corrida armamentista meritocrática”, à qual favoreceria pessoas ricas e permitiria aos pais e mães abastados passarem esse privilégio para seus filhos.

Sandel procura demonstra, igualmente, que em virtude desse comportamento adotado por pais e mães, houve um crescimento do que define

como parentalidade superprotetora. O estudo apresentado pelo autor, informa, ainda, que os adolescentes com mais dificuldades emocionais vêm de lares abastados, concluindo que: “Quem vence no campo de batalha do mérito, emerge triunfante, mas ferido”.

Para corroborar suas conclusões sobre o impacto dessa parentalidade superprotetora voltada ao sucesso educacional, Sandel apresenta diversos estudos que apontam o aumento do número de suicídios entre pessoas jovens (entre 20 e 24 anos) em 36%, entre os anos de 2000 e 2017. E diante desse cenário, indica a necessidade de se repensar o papel da educação superior, haja vista que o regime de mérito exerce sua tirania tanto em relação aos que chegam ao topo (pela ansiedade, perfeccionismo e arrogância), como também em face daqueles que ficam para trás (impondo um desmoralizante e humilhante senso de fracasso).

A partir desse ponto, o escritor estadunidense inicia a resposta àquela pergunta feita no início desse sexto capítulo, com uma abordagem relacionada ao que pode ser feito para avaliar os severos efeitos da triagem meritocrática. A primeira proposta de Sandel diz respeito aos candidatos considerados mais qualificados: seria uma reforma do sistema de seleção, alterando o ingresso somente por notas do SAT e outras qualificações específicas dos candidatos para uma espécie de loteria dos qualificados, ou seja, haveria um componente de mérito, mas outro de sorte. O próprio autor apresenta algumas possíveis objeções a sua proposta, às quais, entretanto enfrenta uma a uma.

A segunda proposta seria relacionada aos cidadãos deixados para trás nessa lógica universitária meritocrática: descobrir como fazer com que sucesso na vida esteja menos atrelado a um diploma de curso universitário de 4 anos. Uma das respostas, segundo ele, seria um maior investimento em cursos de

educação profissionalizante, proporcionando aos trabalhadores habilidades demandadas pelo mercado, minando, dessa forma, o que Sandel chama de hierarquia da estima, honra e prestígio. Ademais, defende uma noção mais ampla da missão relativa à educação moral e cívica, retirando dos cursos universitários o pretensão monopólio dessa missão.

Concluindo o sexto capítulo, Michael Sandel afirma que o mérito se torna um tirano não generoso com os “perdedores” e opressivo com os “vencedores”, destacando que a loteria dos qualificados, ao convocar o acaso, castigaria a arrogância de mérito, na medida em que retiraria dos candidatos a certeza de uma vitória por seu esforço exclusivo.

No sétimo e último capítulo da obra, denominado: O Reconhecimento do Trabalho, o Filósofo Americano analisa o aumento da diferença de renda entre aqueles que tem e aqueles que não tem diploma universitário, especialmente nos últimos 40 anos. Sandel identifica alguns problemas principais, como o aumento da recompensa aos diplomados, a estagnação da renda média nos últimos 50 anos e o menosprezo da máquina da triagem às pessoas sem credenciais meritocráticas. Cita, ainda, o aumento do desemprego entre os cidadãos sem curso universitário e, por fim, as chamadas mortes por desespero, ou seja, aquelas decorrentes do abuso de álcool, drogas e o suicídio.

O autor também menciona a dificuldade relacionada ao julgamento imposto pela sociedade àqueles que não possuem curso universitário, destacando que a triagem meritocrática confere pouca dignidade às pessoas que não foram selecionadas, o que explicaria o ressentimento da classe trabalhadora depreciada pelas elites meritocráticas, a falta de honra, de empatia e de dignidade do trabalho oportunizada aos que ficaram para trás

nessa “corrida armamentista meritocrática”, clamando pela necessidade de renovação da dignidade do trabalho.

Neste momento da obra Sandel apresenta e diferencia dois importantes conceitos de justiça: Justiça Distributiva e Justiça Contributiva. Em resumo, a Justiça distributiva estaria relacionada somente à renda dos cidadãos, com foco principal no consumo, ou seja, a oferta de dinheiro para a aquisição de mercadorias. Já a Justiça Contributiva estaria relacionada não somente à renda, mas, sobretudo, à preocupação com o senso de pertencimento do trabalhador, ou seja, ao reconhecimento, por parte da sociedade, da importância do trabalho de cada indivíduo para a concretização do bem comum, considerando que somos seres humanos mais completos quando contribuímos para o bem comum e conquistamos a estima dos demais pelas contribuições que fazemos.

Na sequência, Sandel apresenta duas versões de projetos políticos, um republicano e outro democrata, centrados na dignidade do trabalho e na necessidade de questionamento aos resultados do mercado. A primeira proposta (com viés republicano) seria a de um subsídio salarial para trabalhadores de baixa renda, porém, com restrições no mercado, na terceirização e na imigração. A segunda proposta (com viés progressista) seria a transferência do ônus da tributação do trabalho para o consumo e a especulação. O autor, por sua vez, propõe a substituição de alguns ou todos os impostos sobre a folha de pagamentos por um imposto sobre transação financeira, especialmente sobre as especulações que considera semelhantes aos cassinos.

Em conclusão ao sétimo capítulo, Sandel destaca a importância de se questionar quais tipos de trabalho seriam dignos de reconhecimento e estima, bem como o que devemos, uns aos outros, enquanto cidadãos, decretando que,

para renovar a dignidade do trabalho, urge que sejam recuperados os laços sociais que a era do mérito, em conjunto com a globalização favorável ao mercado e o conceito meritocrático de sucesso, desfizeram ao longo das últimas 4 décadas.

3. Conclusões da obra

No capítulo denominado: Conclusão: O Mérito e o Bem Comum, o autor inicia lembrando a história de um dos maiores jogadores de beisebol de todos os tempos, Henry Aaron, um homem negro, nascido numa região muito pobre do Alabama, que, através de sua qualidade no ato de rebater bolas acabou por alcançar o sucesso. Sandel destaca que esse fato, ao contrário do que se possa pensar, não reforça a ética meritocrática que garante o sucesso para aqueles que tiverem talento e esforço, mas, na verdade, salienta que não devemos amar a meritocracia, ao contrário, devemos odiar um sistema de injustiça do qual só se consegue escapar sendo brilhante em um determinado esporte.

O autor ainda destaca que a propalada igualdade de oportunidades seria um princípio reparador e não um ideal adequado para uma boa sociedade e que, portanto, a sociedade deveria buscar o que chama de igualdade de condição – não somente de renda, mas sobretudo de estima social e reconhecimento – e não uma retórica de ascensão pautada no “você consegue, se tentar”.

Sandel finaliza chamando atenção para a premente necessidade de que cidadãos de diferentes níveis sociais e estilos de vida voltem a se encontrar em espaços compartilhados e lugares públicos, destacando, por fim, que a solidariedade necessita do reconhecimento de que, para todos os nossos esforços, não vencemos por conta própria nem somos autossuficientes, e conclui

sua obra dizendo que: “A humildade é o começo do caminho de volta da dura ética do sucesso que nos divide.”

4. Ponderações críticas sobre a obra

Ao se ter acesso à obra do Filósofo Estadunidense Michael Sandel, “A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?”, pode se acreditar, ao menos em um primeiro momento, se tratar de mais uma dessas análises superficiais e meramente descritivas de uma realidade social com alguma relevância, mas sem nenhuma importância prática ou solução possível.

A cada página folheada, entretanto, o leitor é provocado a se questionar sobre suas conquistas e seu sucesso, sobre suas perdas e seus fracassos, a lembrar seus professores e mestres, familiares e amigos, que de alguma forma contribuíram, direta ou indiretamente, para cada etapa até o tão sonhado sucesso ou que assistiram – com mais ou menos empatia – a cada queda até o indesejável fracasso.

Da mesma forma, o leitor sente-se impelido a lembrar daqueles conhecidos ou anônimos esquecidos pelo caminho, deixados para trás na maratona da vida, com seus rostos e seus corpos marcados e cansados pelas dificuldades imposta, na maioria deles, ao contrário de alguns poucos, que não foram agraciados pelos prêmios somente disponibilizados aos “vencedores”.

A Tirania do Mérito, de Michael Sandel, obriga o leitor a sair de sua zona de conforto, levando-o ao lugar em que deverá refletir, quer queira quer não, sobre a sua vida e suas escolhas, sobre sua atual posição na sociedade, sobre suas credenciais obtidas, talvez pensando: com muito esforço e todo o mérito, mas também sobre suas formas de consumo e suas decisões – por vezes egoísta em relação aos mais variados temas da vida cotidiana.

O autor consegue, através de sua obra, demonstrar a deterioração da vida em sociedade, causada ou, ao menos, agravada, pela arrogância meritória dos “vencedores” e pela mágoa e ressentimento daqueles que foram excluídos pela globalização e humilhados pela retórica da ascensão, pela enganadora máxima do: “você consegue, se tentar”.

A leitura do presente livro proporciona ao leitor entender que a classe trabalhadora almeja muito mais do que somente uma pretensa justiça distributiva, seja ela baseada em maiores salários ou em benefícios governamentais, clamando, na verdade, por reconhecimento e estima social, pela retomada do senso de pertencimento, de sentir-se útil para a consecução do bem comum.

E isso fica claro quando Sandel traz à lume a necessidade de renovação da dignidade do trabalho realizado por aqueles aos quais não foi concedida a oportunidade – seja por quais motivos forem – da realização de um curso universitário, exortando o leitor a refletir sobre a importância da restauração da estima social de todos eles, a partir, principalmente, da criação de espaços comuns de convivências para todos os cidadãos, bem como do reconhecimento, por parte dos “vencedores” de que o seu sucesso não foi conquistado sozinho, impelindo-os ao exercício da gratidão e da humildade, sentimentos que certamente facilitaríamos a busca pelo bem comum.

A Tirania do Mérito é, sem dúvidas, um chacoalhar realístico para todos aqueles que, por ingenuidade ou arrogância, acreditam que obtiveram sucesso como fruto exclusivo do seu esforço individual e, por isso mesmo, de seu mérito, fazendo com que cada leitor possa refletir, olhando para o seu percurso, o quão privilegiado, auxiliado e agraciado foi para alcançar a vitória que hoje, muitas das vezes, se nega a compartilhar.

Mas, a obra de Sandel também é um renovar de esperanças para aqueles que foram deixados para trás, excluídos e humilhados por não terem conseguido as credenciais meritórias exigidas para o recebimento da recompensa social e econômica prometidas, pois aponta caminhos e provoca a todos, lembrando que nenhuma vitória é conquistada solitariamente, e que gratidão e humildade são os sentimentos que proporcionarão o resgate da preocupação dos indivíduos com o bem comum.

Sobre o autor:

Mestrando em Direito do Trabalho e Previdenciário pelo PPGD-UERJ. Advogado na área trabalhista. Procurador Assistente do Município de Nova Friburgo entre os anos de 2011 e 2018. Assistente Jurídico na Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, Regional de Nova Friburgo. E-mail: jeisonmartinscosta@gmail.com.

Como citar esta resenha:

ABNT

COSTA, Jeison Martins. Resenha crítica do livro: "A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?" de Michael Sandel. **Labuta**, v. 1, n. 2, p. 235-254, jul./dez. 2024.

APA

Costa, J. M. (2024). Resenha crítica do livro: "A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?" de Michael Sandel. *Labuta*, 1(2), 235-254.